



Os últimos rituais: religiosidade e morte no interior de Minas Gerais

THIAGO RODRIGUES TAVARES\*

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema central a morte no interior de Minas Gerais, a partir da observação das relações sociais e dos rituais de passagem presentes em um momento crucial de uma comunidade. Trata-se de uma pesquisa que busca investigar o ritual funerário em Presidente Kubitschek, a partir do método etnográfico e da realização de entrevistas<sup>1</sup> com base na metodologia de História oral. Trabalha-se com a hipótese de que a cidade localizada no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, apresenta características de resistência à secularização dos costumes, valores e sentimentos. Sua população é marcada pela religiosidade e pela realização de ritos fúnebres que envolvem a todos da cidade.

Entranhada nas alterosas mineiras, a cidade de Presidente Kubitschek está situada na Serra do Espinhaço, no Vale do Jequitinhonha<sup>2</sup>. A localidade se origina na época da mineração de diamantes, que ocorreu na região entre os séculos XVIII e XIX. Inicialmente, foi batizada de Pouso Alto<sup>3</sup> por tropeiros e outros viajantes que por ali passavam para dormir e descansar. A população que começou a se estabelecer no local vivia do trato com os viajantes e da exploração do garimpo no rio Tijucal, à procura de ouro, diamante e cristais (RODRIGUES; PINTO, [2013?])<sup>4</sup>. No ano de 1923, o lugarejo passa a ter um novo nome, Tijucal. Posteriormente, a localidade se emancipou de Diamantina, e, em 1963, foi instalado o município de Presidente Kubitschek. Essencial ressaltar que o nome Tijucal permanece sendo utilizado, de modo informal, até os dias de hoje, pelos moradores. O nome também está em diversos estabelecimentos, tais como a farmácia da cidade, que se chama Farmácia Tijucal. A utilização desse nome remete à ligação da população com seu passado, reafirmando, através da memória, a identidade do grupo.

---

\* Doutorando em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF.

1 As entrevistas foram feitas de forma mista: livre e orientada (semiestruturada), com a captação do áudio. Inicialmente, as pessoas não se sentiram à vontade para serem filmadas ou identificadas, assim optarei por utilizar nomes fictícios.

2 Distâncias entre Presidente Kubitschek e as referidas cidades: Belo Horizonte, 286 km; Diamantina, 60 km; Serro, 40 km.

3 Pouso Alto passou a ser distrito de Diamantina por Lei nº 1295 de 30/10/1866.

4 Histórico do município de Presidente Kubitschek/MG, fornecido pela Biblioteca Municipal de Presidente Kubitschek.

A cidade é pequena e tranquila, sendo comum ver as pessoas sentadas em frente à porta de suas casas, tomando sol e observando o movimento. A paisagem presente na cidade aproxima-se ao meio rural: cavalos, vacas e galinhas podem ser vistos sem dificuldades perambulando pela cidade. Por todo lado que se olha, é possível encontrar o verde, diferente da cor cinzenta das grandes cidades. As fazendas, as roças, os rios e as cachoeiras estão logo ali, cercando o município. A cidade conta com algumas praças, que não são grandes, mas são arborizadas e muito bem cuidadas, algumas delas contando com equipamentos de ginástica. As ruas apresentam dois tipos de calçamento: pedra e paralelepípedo. No centro do município estão instaladas a agência do correio, a Câmara Municipal, a Prefeitura, o posto de saúde, o colégio, a farmácia e a Igreja Católica de Nossa Senhora das Dores, padroeira da cidade.

## A RELIGIOSIDADE

Segundo dados do IBGE<sup>5</sup>, em 2010, Presidente Kubitschek tinha a população estimada em 2.959 pessoas, passando para 3.050 em 2013 e 3.059 pessoas em 2016. Dentre essas pessoas, 91% se declaram católicas. No dia a dia, em conversas corriqueiras entre os moradores, era possível escutar frases de agradecimento a Deus ou a Nossa Senhora pelas graças alcançadas, ou frases nas quais os habitantes colocavam nas mãos dessas divindades o seu futuro. Em relação à religiosidade, um fato chama a atenção. Na cidade existe o caso da pedinte Maria da Lapa, que viveu e morreu entre meados do século XX. Ela sempre é lembrada nas orações pelas almas, encomendadas nas missas e principalmente no dia de finados. Segundo moradores, depois de sua morte, ela passou a realizar milagres:

Maria da Lapa era uma mulher que ninguém sabe de onde ela veio, ficava sentada perto da igreja... O povo gostava muito dela. O povo faz pedido e alcança milagres. (Romeu, homem, 85 anos, aposentado. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 21/03/2013)

Sua história é de uma vida simples, morava de baixo de uma lapa<sup>6</sup> nas proximidades da cidade. Segundo relatos, era uma pedinte, vivia de esmolas. Andava sempre com uma saia preta e uma blusa branca. Os seus pedidos eram sempre feitos da mesma forma:

Ô dona, você não tem uma santa folha de couve para me dar. Ô dona, você não tem um santo vidrinho de querosene para me dar. Tudo dela era santo. (Carla, mulher, 74 anos, aposentada. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 19/03/2013)

---

5 Pedra que sobressai a uma rocha formando um abrigo natural.

6 Distâncias entre Presidente Kubitschek e as referidas cidades: Belo Horizonte, 286 km; Diamantina, 60 km; Serro, 40 km.

Quando perguntei sobre Maria da Lapa, a entrevistada Rogéria<sup>7</sup> me disse: “aí você vai, puxa de uma pessoa que sabe de tudo”. De acordo com Rogéria, Maria da Lapa morreu em torno de sessenta anos ou mais. Sua morte aconteceu após um incêndio na lapa em que morava, seu corpo só foi encontrado dias depois e já estava em um estado avançado de putrefação, mas o que chamou a atenção das pessoas que a encontraram foi o fato de que seu corpo queimado não revelou suas genitálias – as roupas grudaram nas suas partes íntimas, tendo sido considerado um sinal de respeito e proteção para com a morta que era muito religiosa. Pelo estado em que se encontrava o corpo, ela não pode ser levada à cidade e foi enterrada ali mesmo (TAVARES, 2015).

O local onde viveu, morreu e foi enterrada passou a receber a peregrinação de pessoas. Durante a Semana Santa, temos um bom exemplo da religiosidade local e do culto à Maria da Lapa. No ano de 2013, presenciei a Via Sacra, com a encenação da crucificação de Cristo no túmulo de Maria da Lapa. Mesmo com o frio e com a fina e constante chuva, muitas pessoas se concentravam em frente à Igreja Católica. Pouco depois das nove horas da manhã, iniciou-se a procissão que relembra a caminhada de Cristo até a sua crucificação. A montagem foi completa, figurantes se apresentaram com roupas e papéis definidos. Os cavaleiros romanos, alguns montados em seus cavalos, ditavam a velocidade da caminhada, escutando as orações e os dizeres do padre. Todos realizavam suas penitências e seus esforços pela fé. A caminhada longa deixou a cidade e seguiu por uma estrada de terra; a maioria das pessoas estavam a pé, sendo possível notar vários carros seguindo a procissão. A procissão que saiu da Igreja de Nossa Senhora das Dores, local da Instituição da Igreja Católica, seguiu em direção ao local onde morava, morreu e foi enterrada Maria da Lapa. Ali, onde estava o corpo da alma milagrosa e santa de Maria, foi também o local escolhido para crucificar Jesus. Destaco esse momento pela mistura de crença institucional com a crença popular. Maria da Lapa recebeu as orações, assim como Cristo crucificado. Ao chegar até a lapa, as pessoas acendiam velas e rezavam em frente o túmulo de Maria da Lapa (TAVARES, 2015).

Desse modo, a partir do momento em que se conhece um pouco sobre a localidade e a religiosidade dessa população, é possível, então, desvendar os aspectos da vivência em torno da morte e as práticas realizadas pelos habitantes durante esse ritual de passagem.

---

7 Seguem dados acerca da entrevistada: branca, de estatura baixa, 84 anos, aposentada.

## O RITUAL FUNERÁRIO

No decorrer dos séculos, ocorreram inúmeras transformações nas atitudes do homem perante a morte, e tais mudanças coincidem com as reformulações que a própria estrutura da sociedade sofreu. Muitos traços ainda lembram os costumes dos séculos anteriores, mas nem sempre tendo os mesmos sentidos. Tais perspectivas foram apontadas anteriormente por autores como Ariès (1977), Rodrigues (1983), Reis (1991), Elias (2001) e Kellehear (2016). Assim, a partir de dados colhidos na pesquisa de campo, é possível constatar que a distribuição dessas mudanças não é uniforme, especialmente quando se observam as zonas rurais, as camadas modestas e as famílias mais religiosas. No caso específico de Presidente Kubitschek, foi possível notar que as pessoas se esforçam para participar dos funerais e, como me disse Marta<sup>8</sup>, na cidade “o povo dá frequência mesmo nos velórios”. Essa frequência e a tranquilidade para lidar com os mortos me fizeram pensar em realmente como as mudanças da sociedade moderna atingem com menos intensidade estas localidades pequenas e afastadas. Além do mais, percebe-se que a religiosidade contribua para que alguns rituais não desapareçam e continuem a ser executados mesmo com um novo formato.

Tendo em vista os rituais praticados pelos católicos, é possível observar que é na circunstância da morte que eles realizam um importante ritual de passagem. O morto, que se encontra em posição ambígua, nem aqui nem lá, depende de ritos que providenciem a passagem tranquila de sua alma do plano terreno para o paraíso no transcendente. Desse modo, as cerimônias funerárias fazem parte de ritos de separação entre vivos e mortos, tratando-se de ritos de incorporação desses últimos ao seu destino final. Segundo Van Gennep (2011), em todos os lugares, os indivíduos demarcam a passagem de um estágio da vida a outro. Os rituais de passagem seriam todos os ritos que acompanham qualquer mudança de lugar, estado, posição social ou idade. Já Turner (1974) observava os rituais de passagem destacando o período de “antiestrutura”. O período de liminaridade ou “antiestrutura” faz parte dos rituais de crise, de vida ou dramas sociais; são momentos de grande importância para o desenvolvimento social do indivíduo. O nascimento, o batismo e a morte seriam exemplos desses rituais, que marcam a transição de uma fase da vida ou de um status social para outro. Esses momentos de dramas sociais não dizem respeito somente ao indivíduo que ocupa o lugar central no ritual, mas também acarreta mudanças nas relações das pessoas que estão fortemente ligadas a ele por algum tipo de vínculo, seja sanguíneo, matrimonial ou político.

---

<sup>8</sup> A referida entrevistada é branca, de estatura baixa, tem 74 anos e é dona de casa.

No catolicismo, a morte é concebida como uma passagem de um mundo para outro, havendo obrigações entre vivos e mortos, esses últimos estando num momento de liminaridade. O indivíduo deve se preparar para a morte, e, após o seu acontecimento, cabe aos vivos a preparação do ritual de passagem que proporcione a transição tranquila do morto que, em espírito, deverá seguir em direção ao seu destino final, para outra vida. Desta forma, a posição social e o futuro do morto são incertos e causam dúvidas, pois, ao mesmo tempo em que está entre os vivos – iguala-se aos mortais em presença –, ele também está partindo, desta maneira, sendo diferente daqueles que ficam (na qualidade de ancestral). O cadáver permanece durante o velório numa situação marginal, deslocado e excluído do padrão social, com seu status indefinível. O futuro do morto também é ambíguo (lugares misteriosos), uma vez que tanto o “céu” quanto o “inferno” são lugares que não existem concretamente (SURERUS, 1997). As cerimônias funerárias fazem parte de ritos de separação entre vivos e mortos, e ritos de incorporação desses últimos ao seu destino no “Além”.

Quando iniciei as conversas sobre as práticas em torno da morte, questionei sobre as vivências passadas, como eram as práticas em anos anteriores. Pude perceber que, no caso de Presidente Kubitschek, as mudanças nas práticas funerárias se intensificaram no final da virada do século XX para o XXI. Quando perguntei sobre as mudanças no ritual funerário, o primeiro fato a ser destacado, principalmente pelos entrevistados mais idosos, era enfatizar a dificuldade para realizar um enterro, deixando claro desconforto ao se lembrarem da forma como era transportado e enterrado o defunto. Algumas vezes, o defunto era carregado apenas envolto em um lençol, mas normalmente era transportado em uma padiola ou em um caixão de pano roxo (o fundo era composto de tábuas finas e um pano mais grosso, e a parte de cima apenas coberta por um pano roxo).

Quando eu cheguei aqui, tinha que fazer o caixão, não encontrava a urna pronta, roupas para pessoas, era uma dificuldade em tudo. Meu sogro tinha loja, morria uma pessoa, eles vinham de madrugada, batiam na porta pra pegar tecido, tinha o tecido próprio... E arranjar madeira para fazer o caixão... Graças a Deus com a evolução encontra tudo pronto, até as coroas era uma dificuldade... Tia saía às pressas para procurar flores para fazer coroa, agora não, a gente encontra coroa de flores naturais, artificiais é aquela facilidade, muito melhor hoje, antigamente coitados, até para morrer era mais difícil. (Rafaela, mulher, 69 anos, aposentada. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 07/11/2013)

Outra característica do ritual funerário se refere ao tratamento direto com o cadáver. Em Presidente Kubitschek, observa-se que esse tratamento era – e ainda é – realizado diretamente pelos familiares; é notório nas entrevistas e conversas o quão significativo é para as pessoas o “morrer em casa”. Não se trata apenas de qualquer atitude, mas representa uma prática reconhecida socialmente, que inspira dignidade à família, sendo os indivíduos

próximos ao morto os sujeitos “habilitados” no trato com a morte e pela solidariedade com o moribundo, tomando para si o encargo com o processo mórbido. Nesse momento, a rede social mobilizada reforça a solidariedade para com a família. Nos dias atuais, muitos corpos já chegam preparados para o seu velório, devido à mão de obra especializada das casas funerárias. Frequentemente, no caso dos moribundos que se encontram fora da cidade, em hospitais da região, voltando para Presidente Kubitschek somente após a sua morte, o corpo chega “preparado” para o funeral, transportado em veículo próprio da empresa funerária. O velório, desde os tempos de dificuldade descritos pelos entrevistados, sempre ocorreu na casa do próprio defunto. Se o morto fosse da zona rural, o corpo poderia ser velado na casa de algum parente ou amigo; caso não houvesse esses lugares, o corpo era velado na Igreja de Nossa Senhora das Dores. Nos dias de hoje, já se pode velar o morto no Velório Municipal.

O corpo ficava mesmo em casa, esse povo de fora vinha e trazia o corpo para Igreja, mas os daqui ficavam em casa mesmo... A diferença é grande, mudou muito. Hoje já tem o lugar certo pra colocar. A pessoa leva o corpo pra lá e fica lá mesmo. De primeiro era nas casas. O povo da roça geralmente ia pra Igreja. (Romeu, homem, 85 anos, aposentado. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 21/03/2013)

Não tinha lugar, ficava nas casas. Às vezes tinha lugar que nem jeito certo de velar tinha, o cemitério muito ruim. Agora mudou muito, mudou como atendimento mesmo. Tem tudo direitinho, quem pode comprar um melhor, compra (caixão), tem tudo aí, coroa, tudo direitinho. E tem a casa do velório. E boa! Cozinha que só você vendo. Tem geladeira, fogão, dois banheiros, camas, muito arrumadinhos. (Ana, mulher, 67 anos, aposentada. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 20/03/2013)

A construção do Velório Municipal Maria da Lapa, fruto da administração política 2008 – 2012, apresenta características de ser um local de higienização da morte e mudança do local do velório. Algumas pessoas o veem com estranhamento, preferindo ainda ser veladas na própria casa quando morrerem, mas, devido ao tempo de sofrimento de anos atrás, elogiam o lugar, tendo uma relação mais íntima se comparada à relação das pessoas com os velórios municipais em cidades maiores.

O Velório Municipal apresenta características singulares, inicialmente pela escolha do nome “Maria da Lapa”, em seguida devido à característica da construção do imóvel. Tanto a fachada quanto o seu interior se assemelham a uma casa convencional. A entrada tem uma porta grande, no interior há uma sala ampla e arejada, que possui oito janelas que deixam a luz e o ar circular, dois banheiros completos, um quarto grande com três camas, além de uma cozinha ampla e mobiliada. O imóvel foi construído dessa forma para melhor receber a população, sendo usado principalmente por quem é da zona rural ou quem não teve condições de realizar o velório em casa. No Velório Municipal, as pessoas podem se comportar como se

aquele lugar fosse a própria casa; durante o velório, as pessoas ligadas ao morto têm bastante autonomia sobre a condução do espaço. O quarto possibilita que aqueles que estejam mais cansados possam dormir; a cozinha tem fogão, geladeira, panelas e vasilhas para que as pessoas possam cozinhar, fazer café e lanches para os participantes do velório. E o fato de todos os cômodos serem grandes possibilita a participação de muitas pessoas como é de costume na cidade.

Antigamente era tudo numa simplicidade danada, morria uma pessoa, era enterrada de qualquer maneira. Hoje não, todo mundo que morre o velório é entupido de gente, é aquele conforto, pode ser pobre, se ele for pobre o povo acolhe tudo. Antigamente era tudo uma pobreza, simplicidade. Hoje tem muito mais conforto. Lá tem cozinha, tem tudo, o pessoal dorme lá no velório, é café a noite inteira, é quitanda, é tudo. Quando o padre tá aqui, ele celebra, o corpo que é velado lá, não leva na Igreja. (Marta, mulher, 74 anos, dona de casa. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 22/03/2013)

O que também diferencia o Velório Municipal de outros velórios é a ligação religiosa, elemento que faz diferença, principalmente pelo fato da população de Presidente Kubitschek ser em sua maioria católica. O nome do Velório já indica essa relação, Velório Municipal Maria da Lapa, o qual foi batizado com o nome da “santa local”. Outro símbolo de demarcação de território pelos católicos se refere à celebração da missa do dia de Finados que é realizada no local. Nesse dia, por exemplo, as pessoas viam e ouviam a missa de dentro do Velório Municipal, ao seu redor, do lado de fora e de dentro do cemitério.

Importante ressaltar que, mesmo com a construção do Velório Municipal, as pessoas continuam sendo veladas em casa. O diálogo entre duas entrevistadas mostra a maneira jocosa como a morte é tratada em certos momentos e o desejo de “ficar em casa”:

Carla: Eu quando morrer não quero ir para o velório lá não. Vou ficar na minha casa.  
 Valéria: Eu também gastei tanto (dinheiro na construção da casa). (riso)  
 Valéria: Um senhor falou comigo: Ô dona, tô achando que você vai pra lá mesmo (Velório Municipal), sua casa é muito grande para subir.  
 Carla: A casa da gente é mais aconchegante, o defunto fica mais quentinho. (risos)

Mesmo com as transformações nos cuidados com o morto, observadas ao longo da história, o aparato simbólico religioso e as formas com que as pessoas se relacionam persistem. Além do fato de a casa continuar sendo o lugar para morrer ou, pelo menos, para o morto ser velado, existem também preocupações como um tempo mínimo para velar o morto, a presença das velas, rezas, missas de corpo presente ou do sétimo dia, o dia de Finados e a preocupação com o cuidado da sepultura. Essas práticas podem nos remeter a procedimentos que visem formas de bem morrer, atitudes comuns para católicos no Brasil nos séculos XVIII e XIX (RODRIGUES, 2005). Todos estes são conhecimentos que as famílias detêm. Velar o

morto continua sendo um importante momento de intensificação das relações sociais. A morte possibilita a aproximação das pessoas, primeiro devido à sensação da perda, que gera uma maior comoção entre os participantes, e segundo por angariar a participação de todo um conjunto de pessoas que conheciam o morto ou que estão ali em solidariedade a algum amigo ou parente do falecido. Em uma roda de conversa, escutei a seguinte frase: “Na hora da morte, você vai encontrar pessoas que você não via há anos”. Mesmo nesse contexto de transformações e de fronteira tênue entre o rural e o urbano, a vida e a morte aparentam manter suas dimensões integradoras, de expressão e de ressignificação das relações sociais daquela população (LEMOS; JUNIOR; RODRIGUES, 2011).

Observa-se que a população de Presidente Kubitschek se preocupa com as cerimônias de sepultamento, garantia de unção e missas pela alma (como as missas de 7º dia, de 30 dias e de 01 ano). Uma das primeiras providências é a reza para separar a alma do corpo, em que as orações que acontecem são com a motivação de auxiliar a alma a realizar sua travessia. Segundo o entrevistado Romeu<sup>9</sup>, no funeral sempre há orações. Muitos gostam de rezar o Terço, Pai Nosso, Ave Maria, Gloria ao Pai. Essas orações são complementadas pela encomendação da alma e a aspersão de água benta para purificação do corpo. A encomendação é um dever eclesialístico previsto no direito canônico e até hoje utilizado em Presidente Kubitschek, na intenção de abrir os caminhos para o céu e anunciar a vida eterna para todos que se fazem presentes, enfatizando ser aquele um momento de passagem. A encomendação da alma é muito importante para os participantes do funeral, que encontram ali palavras de apoio no momento difícil da despedida. A religiosidade se mostra como um elemento ativo dentro da cultura local, em que a solidariedade, a morte e o cuidado com os mortos são características centrais na religiosidade da população kubitschekense. Assim como foi observado por Durkheim (1989), sobre a necessidade social da existência de uma religião, dificilmente será possível encontrar uma sociedade que não apresente algum tipo de ritual funerário ou culto ao morto. Muitas são as sociedades nas quais prevalece a noção de que a realização de rituais funerários adequados é fundamental para segurança de mortos e vivos. Na medida em que morto passa ao outro mundo feliz e plenamente, ele poderá interceder pelos vivos junto aos Deuses, inclusive facilitando-lhes a futura incorporação na comunidade dos mortos (REIS, 1991). Daí existe, nas pessoas, todo interesse em cuidar bem de seus mortos, assim como da própria morte.

---

9 O referido entrevistado é pardo, de estatura mediana, 85 anos, aposentado.

Da mesma forma que uma pessoa pode interceder por você junto a outra pessoa, as almas fazem a mesma coisa, já cumpriram a missão delas na terra, estão junto a Deus e podem interceder por nós. (Marta, mulher, 74 anos, dona de casa. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 22/03/2013)

Durante a pesquisa, foi possível acompanhar a repercussão da morte de um morador da cidade. Coube aos familiares realizar os trâmites legais que assegurassem o funeral do parente. Quando a morte acontece, a informação se espalha rapidamente pela cidade, e os avisos sobre o infortúnio ocorrem, em sua maioria, de boca em boca, mas podendo acontecer também pela rádio. O funeral acompanhado foi o de um senhor que estava em tratamento médico fora de Presidente Kubitschek. A população recebeu a notícia da sua morte no início da tarde, e, no instante da confirmação do óbito, os moradores já se dividiam entre as casas dos parentes do morto, prestando solidariedade e ajuda. Cheguei à casa da família do falecido às 22 horas, onde muitas pessoas já aguardavam pelo velório, em torno de 80 pessoas, que são informadas de que o corpo tinha o horário de chegada previsto para as duas da manhã. Mesmo com a noite chuvosa e sabendo do horário em que o corpo chegaria, as pessoas permaneceram no local e continuaram a se solidarizar umas com as outras. A casa onde o velório aconteceu fica próxima ao Velório Municipal e ao cemitério, mas a escolha da família em velar o morto em sua própria casa remeteu à fala de duas entrevistadas. Amanda<sup>10</sup> me disse que quem fica no velório municipal são as pessoas mais simples, porque a maioria das pessoas não têm coragem de levar seu morto para o velório municipal, o qual tem que ser velado em casa. É o momento das lembranças, de contar os casos. Já Paula<sup>11</sup> falou que, mesmo entre os mortos velados próximos ao cemitério, os familiares faziam questão de levar o defunto para a missa de corpo presente na Igreja, quando pudessem contar com a presença do padre. Ela me lembrou de que nem sempre é possível a presença do padre, que não mora na cidade e vem apenas celebrar as missas de quinta-feira às 19 horas e domingo às 08 horas da manhã. Esse foi um velório que exemplificou a fala das entrevistadas; aconteceu próximo ao Velório Municipal e ao cemitério, mas, mesmo assim, o corpo percorreu toda a cidade para chegar até a igreja.

Assim que a morte se confirma, a casa onde o morto vai ser velado fica rodeada de pessoas; diversos grupos se dividem e, independente do horário, é possível ver crianças, jovens, adultos e idosos. Nos rituais fúnebres que ocorrem durante o dia, as crianças costumam sair da escola e ir direto para o velório. A casa permanece aberta, e as pessoas entram e saem. Os comportamentos são variados, alguns permanecem mais tempo próximos

---

10 A referida entrevistada é branca, de estatura mediana, tem 54 anos e é funcionária pública.

11 A referida entrevistada é negra, de estatura mediana, com 26 anos e é enfermeira.

do corpo, outros já preferem os grupos de conversa. Uma atitude recorrente entre os participantes do velório é ter como primeira atitude cumprimentar as pessoas que estão ao redor da casa e, nesse momento, informar-se sobre os detalhes que envolvem a morte, o morto e a situação da família. Ao entrar na casa, o gesto é semelhante, as pessoas se entreolham, conversam em tom de voz baixo e se cumprimentam. Existe sempre a procura de se aproximar das pessoas mais intimamente ligadas ao morto para lhes desejar conforto. Em frente ao caixão, normalmente, param e observam, sendo um momento de reflexão, de despedida, de oração individual. Alguns choram e outros só observam e tocam levemente o defunto. Os que permanecem durante mais tempo e com maior emoção ao lado do corpo são os membros da família. O ritual funerário é um rito social, tendo como sentido e objetivo dar uma solenidade especial ao cumprimento de modos coletivos de vida, solenidade essa que infunde respeito e suscita emoções comuns nos membros do grupo reunido (AZEVEDO, 1997).

A casa se torna a extensão da rua, e, segundo a entrevistada Amanda, esse é o dia em que a casa fica cheia de pessoas e nela não há restrições; todos os cômodos ficam abertos, sem preocupação com bens de valor ou com a desordem. Valéria<sup>12</sup> conta que, quando ajuda a preparar uma casa para receber o velório, a primeira providência a tomar é abrir a casa, entrar nos quartos e esconder a bagunça dentro de gavetas e armários. O ideal é deixar a casa livre, e depois do enterro se organiza novamente. Durante o velório, os quartos no entorno da sala são ocupados por pessoas mais idosas ou por aqueles que estão mais cansados e querem dormir ou descansar. No decorrer do velório, o corpo permanece rodeado de símbolos religiosos, alguns colocados por familiares, como imagens de santos, outros levados pela empresa funerária, como o esplendor de santo e castiçais com velas que devem ficar acesas o tempo todo, além da decoração de enfeites florais e a coroa de flores. Este é o local de maior comoção e tristeza. O morto nunca fica sozinho, quem está próximo sempre está rezando, essas orações estão encarregadas de auxiliar a passagem da alma. Reza-se principalmente o Terço, Pai-Nosso e Ave-Maria. O ritual de solidariedade para com o morto se associa à noção de que a boa morte nunca seria uma morte solitária e desprovida de cerimônia.

Fora do espaço em torno do caixão, é possível encontrar semblantes mais leves, pessoas rindo, contando casos e recordando histórias. Entre uma cachaça, um café ou um cigarro, as pessoas falam do dia-a-dia, do trabalho e da novela. Aqueles que não se encontram há muito tempo relembram o passado, o funeral, em um clima saudosista, quando as pessoas

---

12 Seguem dados acerca da entrevistada: branca, estatura mediana, 48 anos e funcionária pública.

se recordam dos momentos bons do passado do morto e do seu próprio. Constata-se, nessa situação, o que foi observado por Azevedo (1987), os ritos e as cerimônias são meios eficientes para manter vivo o sentimento de pertença a um grupo, para conservar a adesão a seus modos coletivos, para unir mais intimamente os seus membros e para confirmar e reforçar sua significação e sua estrutura.

As cerimônias fúnebres cumprem a função de unir as pessoas. Durkheim (1989) afirma que, quando um indivíduo morre, o grupo familiar ao qual pertence se sente diminuído e, para reagir contra essa diminuição, ele se reúne. Os efeitos da morte se aproximam a um acontecimento feliz, na medida em que aviva os sentimentos coletivos que, por conseguinte, levam os indivíduos a se procurarem e a se aproximarem. No velório, é possível notar que as pessoas se abraçam, enlaçam-se, apertam-se, ficam o mais próximo possível umas das outras. Não somente os mais próximos, diretamente atingidos, trazem para a assembleia a sua dor pessoal, mas a sociedade exerce sobre os seus membros uma pressão moral para que coloquem os seus sentimentos em harmonia com a situação.

Os velórios são acompanhados de comida e bebida. Os alimentos são biscoitos, pães de queijo e pães de sal, acompanhados por leite e café, que ficam expostos na cozinha de livre acesso para quem quiser comer. Tal ritual é semelhante ao descrito por Cascudo (1985), no qual, a partir do momento em que o corpo é preparado, as pessoas acompanham o velório conversando em voz baixa, servindo-se café, biscoitos e massas secas. Em relação à refeição, a entrevistada Rogéria me disse que, no último velório em sua casa, deu comida para todo mundo, disse que “só não comeu quem não quis”. E continuou dizendo “como é que você deixa ficar sem uma comida no dia de velório sendo que vem muita gente de fora, tem condição?”. Para ela, nos velórios que reúnem pessoas da cidade, fica mais fácil dar apenas um café, mas, quando se aglomeram muitas pessoas, principalmente vindas de fora da cidade, deve haver um preparo de refeição maior. Ela me disse também que, na época em que a vida era mais difícil e que não se tinha pratos para todo mundo, a comida era servida na cabaça de Coité<sup>13</sup>. Durante o velório, as pessoas se revazam para lavar copos e realizar a manutenção da comida; nenhuma função de trabalho é definida previamente. O que me chamou muita atenção enquanto observava o comportamento das pessoas é que elas não se oferecem ou perguntam o que devem fazer, elas simplesmente fazem, por conta própria. A entrevistada Valéria disse que a ajuda deve ser rápida e espontânea, porque a morte muitas vezes deixa os familiares mais próximos ao morto desorientados, sem saber como agir ou mesmo sem

---

13 Fruto arredondado que nasce da árvore Coité (*Crescentia cujete*), expressão de origem Tupi *Kuya e'ê* significa cuia verdadeira.

condições de pedir ajuda ou dar ordens; por isso, é um momento em que toda ajuda é bem vinda.

Nos velórios em Presidente Kubitschek, é comum a ingestão de cachaça. A bebida e os tira-gostos são consumidos em locais mais reservados, em alguma área externa da casa ou na rua. Nos velórios realizados durante a noite, são feitas fogueiras que aquecem as noites frias e animam a roda de bebida. A fogueira é um costume que se mantém ao longo dos anos, ela era utilizada no início do século XX com a função de iluminar e aquecer os velórios da zona rural e também da cidade de Presidente Kubitschek, já que a luz elétrica chegou em 1964 de forma parcial. A partir de 1970 funcionava até as 20 horas e somente a partir de 1984 que a energia passa a ser fornecida pela CEMIG – Companhia Elétrica de Minas Gerais (RODRIGUES; PINTO, [2013?]). Quando indagados sobre a fogueira, as pessoas diziam repetir a tradição. Vera<sup>14</sup> me contou sobre as fogueiras dando uma gargalhada, disse que as fogueiras são na rua, em frente à porta da casa, “num lugar que dá pra fazer a fogueira pro pessoal ficar à noite no velório, se não, num guenta o frio. Lá que bebe as cachaças, que conta as piadas”.

Na fogueira ficam em sua maioria os homens. As mulheres ficam nas salas, nos quartos, claro que tem algumas mulheres, mais atiradas. No velório você senta perto da urna, levanta vai pro quarto, vai ver como está alguém, se precisa de chá, vai em casa e busca uma erva, faz o chá, pega um calmante e leva. Não precisa nem pedir, tem a pessoa que chega e já vai fazendo o café, biscoito. Muita gente leva as coisas de casa. (Amanda, mulher, 54 anos, funcionária pública. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 26/03/2013)

A morte naquela época, assim como nos dias de hoje, promove uma agitação, uma mudança no cotidiano daquelas pessoas que pouco se altera no decorrer dos anos, fazendo-me pensar no título da obra de Reis (1991), “A morte é uma festa”, que ganha sentido no rito fúnebre de Presidente Kubitschek, ao se promoverem encontros e reuniões, sendo a morte um grande evento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na cidade de Presidente Kubitschek, nota-se a existência de experiências pessoais com a fé, onde a religiosidade católica está conciliada a uma vivência originada do meio rural. A população desse lugar estabelece entre si uma relação de comunidade, existindo uma proximidade entre as pessoas que carregam entre si relações de parentesco, vizinhança e

---

14 A entrevistada é branca, de estatura mediana, com 46 anos e é funcionária pública.

amizade. As pessoas evitam a solidão, são solidários nos momentos de dificuldades e são festeiros nos momentos de festas.

No que diz respeito ao ritual funerário, é importante destacar que, mesmo que o corpo passe pelas mãos de especialistas mortuários, como as funerárias, ou que o funeral ocorra no Velório Municipal, ainda assim o morto continua sendo acolhido por sua comunidade. O túmulo do morto não pode ser abandonado, e o cemitério ganha o *status* de importância, devendo ser visitado e servindo como local de encontro. No dia de Finados, o cemitério se assemelha aos santuários durante as romarias, onde as pessoas se encontram, relacionam-se, circulam entre os túmulos bentos, conversam e rezam para diferentes mortos, proporcionando cultos privados e públicos.

Ao longo do culto ao morto, a casa se torna a extensão da rua, permanecendo aberta a todos. Nesse ambiente, as relações sociais se fortalecem. Nos espaços ligados à morte e aos funerais, evidencia-se a prática da solidariedade e o processo de ajuda mútua entre as pessoas. A morte envolve contingentes de testemunhos solidários, as cerimônias fúnebres cumprem a função de unir as pessoas, os sentimentos coletivos se fortalecem e levam os indivíduos a se procurarem e a se aproximarem. No velório, as pessoas se abraçam, apertam-se, unem-se o mais perto possível umas com as outras. O ritual fúnebre possibilita a união e a afirmação do grupo, fortalecendo as relações sociais não somente dos que foram atingidos diretamente pela perda, mas de toda a comunidade. Os rituais durante a morte, em Presidente Kubitschek, são momentos extraordinários, liminares e, assim, fundadores e fortalecedores de laços simbólicos e sociais.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Editora FGV, Rio de Janeiro, 3ed. 2005.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves EDITORA S.A., 1977.

CASCUDO, Luís da Câmara. Anúbis e Outros Ensaios, In: **Superstição no Brasil**, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1985.

Censo IBGE 2010. Disponível em:

<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=315330>>. Acessado em: 28 de junho de 2017.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIAS, Nobert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

KELLEHEAR, Allan. **Uma história social do morrer**. Tradução Luiz Antônio Oliveira de Araújo. I.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2016.

LEMOS, Carolina Teles; MOREIRA JÚNIOR, João; RODRIGUES, Leila Ribeiro. Morte: um espaço de (re)significação da vida e das relações sociais no meio rural. **Ciberteologia: Revista de Teologia & Cultura**. Edição nº 35 – Ano VII – Julho/Agosto/Setembro 2011. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/downloads/2011/06/Artigo9.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2011.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos funerários e revolta popular no Brasil do século XX. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

RODRIGUES, Cláudia. **Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (Séculos XVIII e XIX)**, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

RODRIGUES, C. A.S.; PINTO, C.M. **Histórico do Município de Presidente Kubitschek**. Presidente Kubitschek. [2013?]. 10 f. Digitado.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

TAVARES, T. R. Religiosidade e devoção em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais. Santos e Beatos do Brasil. *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 75, n. 299, jul/ago. 2015.

SURERUS, Christiane Hargreaves. **Ritual Fúnebre**: A presença da Ausência. Dissertação (mestrado em Ciência da Religião), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1997.

TURNER, Victor. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.